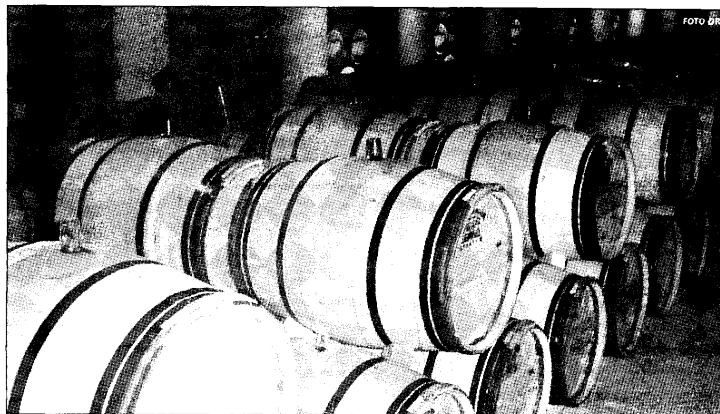


Tema: Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto					Âmbito: Nacional		
Título: Vinhos europeus enfrentam ameaça da ução maciça do Novo Mundo					Temática: Generalista		
2006/05/05	SEMANARIO – PRINCIPAL	Pág.24	Imagem: 1/1		Periodicidade: Semanal	Inv.: n.a.	

AGRESSÃO COMERCIAL VEM DOS EUA, ARGENTINA, CHILE, AUSTRÁLIA, NOVA ZELÂNDIA OU ÁFRICA DO SUL

# Vinhos europeus enfrentam ameaça da produção maciça do Novo Mundo

OS VINHOS DA "VELHA EUROPA" REPRESENTAM A SABEDORIA ATENIENSE, SÃO APURADOS PELO TEMPO, ELEGANTES E GRACIOSOS, DE UMA FINURA INIGUALÁVEL



As caves da velha Europa enfrentam, neste momento, a "ameaça" da tentativa dos "novos continentes" em se imporem no mercado do vinho. A Europa faz resistência aos vinhos do Novo Mundo, de países como os EUA, a Argentina, o Chile, a Austrália, a Nova Zelândia ou África do Sul. A produção maciça destes países, a Europa tem a oferecer a tradição, a experiência e a qualidade dos seus vinhos. Mais que uma questão económica, esta é uma questão de valores a preservar.

SOFIA VASCONCELOS  
s.vasconcelos@semanario.pt

A **VITICULTURA**, para além do seu valor agrícola, representa valores civilizacionais inerentes ao sistema ocidental: simboliza o vinho, como fruto da terra e do trabalho do homem,

e como bebida sagrada, ou consagrada pela religião. As expressões "dádiva dos deuses", "sangue de Cristo", e "essência da vida" atribuídas a este produto corroboram o papel do vinho na vertente cultural bem como a sua importância no Ocidente, cujos fundamentos se encontram no Direito romano e na religião cristã. Por isso mesmo, comete-se um grande erro de apreciação ao não distinguir os vinhos dos "novos mundos" daqueles da "velha Europa", a boa e velha Europa.

Os vinhos da "velha Europa" representam a sabedoria ateniense, são apurados pelo tempo, elegantes e graciosos, de uma finura inigualável. Mas à diversidade vinícola europeia opõe-se a "clonagem" da globalização. Face ao crescente fenómeno da globalização, em que, numa óptica de mercado liberal, tudo pode ser copiado e "imitado", os

vinhos europeus vêem-se a braços com a ameaça dos vinhos produzidos massivamente, e "superficialmente" por nações jovens. Mas parece que nada pode substituir o tempo e a experiência.

Nascidos em climas quentes, os vinhos dos novos mundos têm os defeitos e as qualidades da sua juventude. Tal como os países onde são produzidos, são pioneiros em questão de extensão. No entanto, são 200 anos de vinhedo em relação aos 40 séculos dos cepos do velho mundo. Em Portugal, pensa-se que a vinha terá sido cultivada pela primeira vez na Península Ibérica (Vale do Tejo e Sado) cerca de 2000 anos a.C., pelos Tartessos. O seu cultivo prosseguiu com os Fenícios, os Gregos, os Celtas, os Romanos. Mesmo com a invasão árabe, o vinho continuou a ser produzido, embora se seguissem os preceitos islâmicos.

A força poderá superar a tradição. Mas o vinho "feito", mesmo com mestria, será sempre artificial e industrial, fruto da tecnologia e com maior teor de álcool, enquanto o vinho cultivado há dezenas de gerações, que respeita as suas origens, faz questão de nos informar de onde vem e quem o fez.

## Algumas sugestões

AQUI ESTÁ UMA SELECÇÃO de alguns dos vinhos mais emblemáticos de alguns países do "velho mundo". Vinhos que se destacam pela sua história e pela sua qualidade, representativa da ética das viticulturas ligadas às suas origens.

Itália – Barolo Rinaldi 2000  
Portugal – Quinta da Bacalhoa 2002  
Espanha – Marquês de Riscal 2001  
Grécia – Domaine Mercouri 2003  
Alemanha – Mosel Fritz-Haag 2004  
Áustria – Weingut Bründlmayer 2003  
Hungria – Tokay Chateau Dereszla 1999  
Chipre – Commandaria St. John. |

Segundo Périco Legasse, da revista francesa "Marianne", é necessária uma solidariedade que una os viticultores europeus, de modo a fazer face à agressão comercial dos vinhos do "novo mundo". Em relação a outros produtos como a beterraba, ou os morangos, esta luta pode não parecer tão evidente, mas para o vinho ele inscreve-se numa confluência de valores e motivações partilhadas. Uma distinção que não é apenas cronológica, mas também ética, moral e qualitativa. |

## Curiosidades do vinho português

FOI A PARTIR DA SEGUNDA metade do séc. XIV que a produção de vinho em Portugal começou a ter um grande desenvolvimento, renovando-se e incrementando a sua exportação. Em meados do séc. XVI, Lisboa era o maior centro de consumo e distribuição de vinho do império – a expansão marítima portuguesa levava este produto aos quatro cantos do mundo. Desde então, o vinho português ganhou fama por todas as cortes, reconhecido como sinal de requinte.

- Em 1381 Portugal já exportava grande quantidade de Moscatel de Setúbal para Inglaterra.
- O Duque de Clarence, irmão de Eduardo IV, deixou o seu nome para sempre ligado ao Vinho da Madeira quando, ao ter sido sentenciado à morte na sequência de um atentado contra o seu irmão, escolheu morrer por afogamento num tonel de Malvasia da Madeira.
- O Tratado de Methuen assinado entre Portugal e a Grã-Bretanha, contribuiu para a popularidade do Vinho do Porto, que beneficiava de taxas aduaneiras preferenciais. Durante o séc. XVIII, para os ingleses, vinho era praticamente sinónimo de Vinho do Porto. |